



Ativos

CEREAIS, FIBRAS E OLEAGINOSAS

Ano 11 - 25ª Edição - Março de 2018

twitter.com/SistemaCNA
facebook.com/SistemaCNA
instagram.com/SistemaCNA

www.cnabrasil.org.br

PRODUÇÃO DA 2ª SAFRA DE MILHO NA TEMPORADA 2017/2018 AINDA É INCERTA

A produção da segunda safra de milho da temporada 2017/2018 ainda é incerta entre os produtores brasileiros. O motivo é que muitos deles tiveram prejuízos na produção de segunda safra por duas temporadas seguidas, e em muitas regiões a receita bruta do milho esteve abaixo do valor de nivelamento para saldar o custo de produção durante todo o segundo semestre de 2017.

Na safra 2015/2016, o El Niño deixou o tempo seco em muitas áreas produtoras, resultando em quebra de produção. Segundo levantamento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), naquela segunda temporada, houve queda de 25,3% (ou de 13,8 milhões de toneladas) na oferta em relação à safra anterior.

Já na safra 2016/2017 houve excesso de oferta, por conta da expansão de área e do clima favorável, cenário que pressionou com as cotações do milho. De acordo com a Conab, naquela safra a área cresceu 14,6%, totalizando 12,1 milhões de hectares – a maior área já cultivada para a segunda safra no Brasil. A produção somou 67,3 milhões de toneladas, superando em 12,7 milhões de toneladas a safra 2014/2015, que registrou, até então, o maior volume para o milho segunda safra (54,6 milhões de toneladas).

Como resultado, o movimento do preço do milho entre estas duas segundas safras foi intenso. Segundo dados do Cepea, o valor médio da saca de 60 kg do milho, no mercado disponível, na praça de Sorriso (MT), foi de R\$ 29,20 entre junho/2016 e setembro/2016, contra R\$

12,65/sc de 60 kg no mesmo período de 2017, queda de 56,7%. Contudo, na safra 2015/2016 muitos produtores de Mato Grosso anteciparam a venda de até 70% da produção do milho para cobrir o custo, enquanto o restante foi reservado para ser vendido após a colheita, que, por sua vez, acabou não sendo reduzida por conta da seca. Com isso, muitos produtores não tinham o cereal para vender num momento de receita bruta em patamar mais alto.

Já o Custo Operacional Efetivo (COE) na região de Sorriso (MT) levantado pelo projeto Campo Futuro, parceria entre a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e o Cepea, ficou em R\$ 1.711,00/ha na safra 2015/2016 e em R\$ 1.979,00/ha na 2016/2017, aumento de 16%. Em Rio Verde (GO), o COE médio foi de R\$ 1.919,80/ha para a safra 2015/2016 e de R\$ 2.373,2/ha para a 2016/2017, acréscimo de 24%. As valorizações da semente de milho e de defensivos agrícolas foram os principais fatores para o encarecimento do custo na safra 2016/2017. Diante disso, não houve margem bruta nas duas temporadas em Sorriso (MT), ficando em - R\$ 223,4/ha na 2015/2016 e em - R\$ 167,4/ha na 2016/2017. Em Rio Verde (GO), as margens negativas foram de -R\$ 419,8/ha e de -R\$ 383,2/ha, respectivamente.

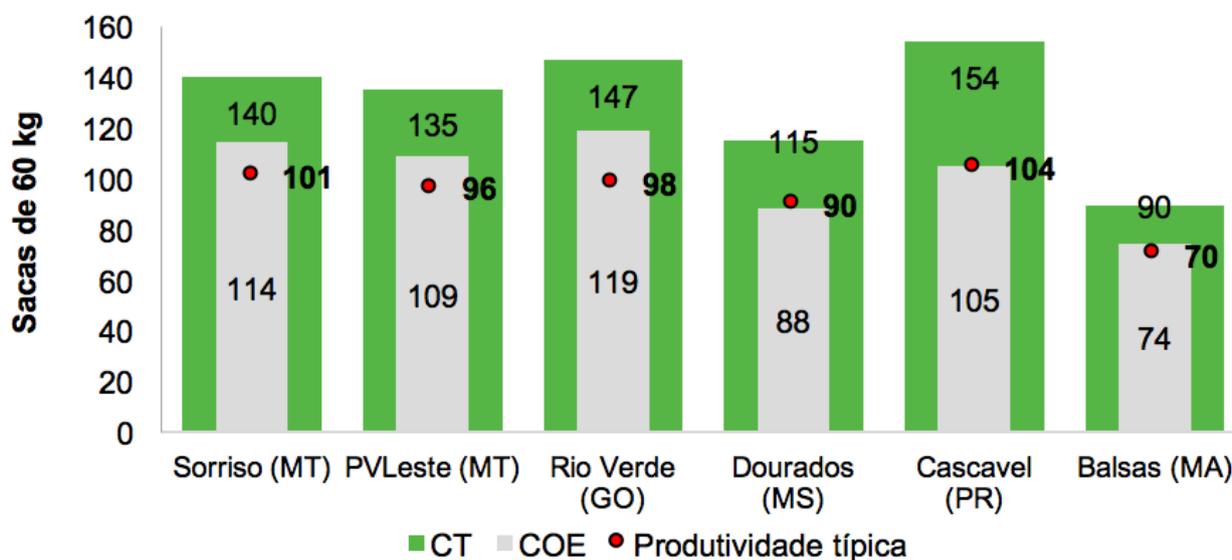
Assim, para ilustrar a situação da próxima safra, o Cepea estimou o custo de produção do milho segunda safra, geneticamente modificado, para as regiões de Sorriso (MT), Primavera do Leste (MT), Rio Verde (GO), Cascavel (PR), Dourados (MS) e Balsas (MA). Para

o cálculo do custo de produção, tomou-se como base o coeficiente técnico de produção da safra 2016/2017 e os preços médios dos insumos do final de 2017 e início de 2018 (setembro/2017 a janeiro/2018). Quanto à receita bruta do milho, assumiu-se a produtividade média das três últimas safras (2014/2015 a 2016/2017) e o preço em janeiro/2018.

A Figura 1 mostra a quantidade de sacas de 60 kg de milho, por hectare, necessária para saldar o COE e o Custo Total (CT) da safra 2017/2018, e também a produtividade típica de cada região selecionada. A produtividade de nivelamento para saldar o COE foi estimada em 74 sacas de 60 kg para Balsas (MA); em 88 sc/ha para Dourados (MS); em 105 sc/ha para Cascavel (PR); em 109 sc/ha para Primavera do Leste (MT) e em 114 sc/ha para Sorriso (MT).

Nesta simulação, a produtividade típica de Dourados (MS) ficou acima do valor de nivelamento do COE, significando que a região consegue saldar esse custo. Já as produtividades típicas de Sorriso (MT), de Primavera do Leste e de Rio Verde (MT) são insuficientes para saldar o COE. No caso de Balsas (MA) e de Cascavel (PR), as respectivas produtividades típicas de 70 sacas/ha e de 104 sc/ha ficaram muito próximas do valor de nivelamento para a duas regiões. Ao adicionar o custo de depreciação, juros sobre capital investido e oportunidade da terra, nenhuma região selecionada tem produtividade típica capaz de saldar o CT para a receita bruta do milho negociado na praça em janeiro/2018.

Figura 1. Produtividade de nivelamento do milho 2ª safra OGM para a temporada 2017/18 no Brasil



Elaboração: Cepea/Esalq-USP. | Fonte: Projeto Campo Futuro CNA (2018).

Além da expectativa de ausência de rentabilidade na safra 2017/2018, o semeio de milho está atrasado nas principais

regiões produtoras em relação à temporada passada. A irregularidade das chuvas atrasou o semeio da soja no final do ano passado.

Agora, no início de 2018, as chuvas estão dificultando a colheita da soja e atrasando, conseqüentemente, o semeio do milho.

APESAR DE ATRASOS, SAFRA 2017/2018 PODE REGISTRAR BONS RESULTADOS

Até meados de fevereiro/2018, o andamento da safra 2017/2018 foi distinto do verificado na temporada anterior nas principais regiões produtoras de grãos do Brasil. Ao contrário do que foi observado na safra 2016/2017, quando o clima favoreceu a produção de praticamente todas as praças, na temporada atual o atraso no período de chuvas, e/ou o excesso de precipitações, dificultaram as atividades. No balanço, contudo, uma parcela expressiva dos agentes consultados nas principais praças aponta para uma boa safra.

Em Mato Grosso, a expectativa de agentes é que, até o final de fevereiro/2018, caso o clima favoreça, a maior parte da soja já esteja colhida, dando lugar ao milho da segunda safra. De acordo com estimativa do Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária (Imea), espera-se que a área semeada na segunda safra recue 5,9% frente à temporada anterior. Para o

algodão, outra importante cultura plantada no estado, até o fim da primeira quinzena de fevereiro/2018, quase 100% das áreas destinadas à fibra haviam sido plantadas e as condições iniciais de desenvolvimento estavam favoráveis.

No Triângulo Mineiro e na região de Rio Verde (GO), o clima na colheita tem sido mais favorável que em Mato Grosso, com um volume menor de chuvas no decorrer das atividades. Na região goiana, segundo agentes consultados, até meados de fevereiro/2018 quase a metade da área plantada com soja já havia sido colhida, com produtividades de 55 sc/ha. Já o milho da segunda safra tem sido semeado com investimento menor que o realizado nos últimos anos. Na praça mineira, a colheita ainda está em fase inicial, mas com bom volume por hectare, superando, em alguns casos, as 60 sc/ha.

Na região Nordeste, mais especificamente em Balsas (MA) e em Luís Eduardo

Magalhães (BA), também tem chovido. Alguns produtores maranhenses, contudo, estão preocupados, uma vez que uma parcela mais expressiva das lavouras já está pronta para ser colhida, e o excesso de chuvas neste período pode causar perdas. O milho verão também deve produzir um bom volume na atual temporada.

Em Luís Eduardo Magalhães (BA), a colheita ainda não havia começado até meados de fevereiro/2018, mas as condições das lavouras são boas e espera-se que a produtividade fique próxima a 60 sacas por hectare. Um cenário semelhante é esperado para o milho verão, em que se espera boa produtividade, superando as 150 sacas por hectare, assim como em Balsas (MA).

Nas regiões do Sul do Brasil, em Passo Fundo (RS) e Chapecó (SC), a colheita ainda está em fase inicial, ainda abaixo dos 5%, segundo os agentes consultados. No geral, o desenvolvimento da safra foi bom e as

perspectivas de produtividade também são positivas tanto para a soja quanto para o milho. Na praça catarinense, o volume colhido ainda era insignificante até meados de fevereiro/2018 e existem mais relatos de problemas enfrentados pelos produtores em função do elevado volume de chuvas no decorrer da safra.

Já no Paraná, o mês de fevereiro/2018 tem sido bastante chuvoso, fato que, aliado ao atraso no semeio, tem postergado os trabalhos de colheita da soja. No oeste do

estado (Cascavel), até meados de fevereiro, apenas 25% das áreas de soja haviam sido colhidas, segundo agentes consultados. Já em Londrina, no norte do estado, não mais que 5% das áreas haviam sido colhidas. No geral, a expectativa de produtividade é boa para ambas regiões. Para a safrinha, agentes esperam redução de área, uma vez que o final do plantio deve se aproximar da janela ideal para a região, além das expectativas de margens de lucro apertadas para o milho nesta segunda safra.

Já nas regiões de Guarapuava (PR) e Castro (PR), como o plantio da soja acontece normalmente em novembro e dezembro, a oleaginosa ainda não começou a ser colhida, mas o desenvolvimento da lavoura, no geral, é bom. O milho verão segue com a colheita avançando e, mesmo com alguns problemas no início do desenvolvimento da safra, os produtores devem ter produtividade média próxima de 200 sc/ha.

AUMENTO NOS PREÇOS DO DIESEL ELEVA CUSTOS DE COLHEITA DA SOJA NO BRASIL

A safra 2017/2018 tem sido marcada por custos de produção elevados frente aos de temporadas anteriores. O diesel tem sido um dos insumos que mais sofreram reajustes de preços nos últimos meses, o que gerou impactos diretos no bolso do agricultor brasileiro visto que as operações mecanizadas têm participação expressiva nos custos de produção. A nova política de preços da Petrobras, iniciada em julho/2017, tem feito com que os preços do combustível no Brasil oscilem conforme a paridade de importação do mercado internacional.

Esse quadro preocupa os agentes de mercado, visto que há expectativa de redução na margem de lucro das culturas em um cenário de receitas menores frente a safras anteriores. Isso pode levar agricultores menos eficientes a terem

dificuldades para cobrir os custos de produção, atrapalhando investimentos futuros.

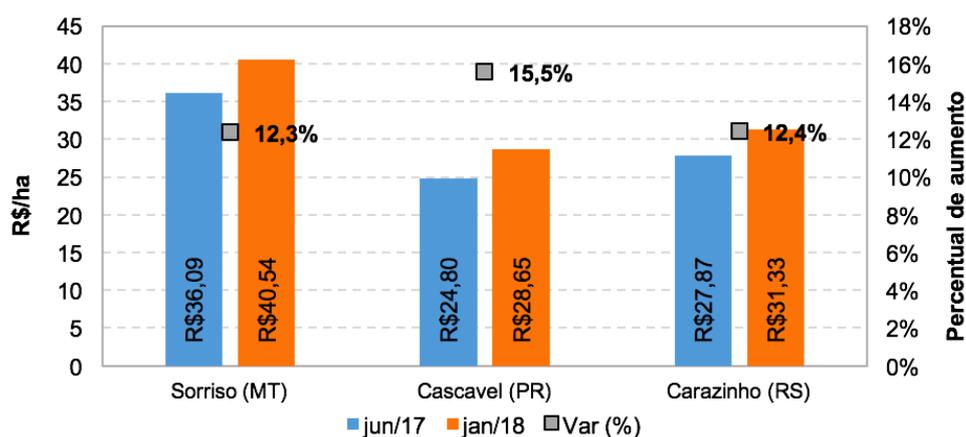
Em junho/2017, um mês antes da nova política de preços da Petrobras, o custo da colheita de soja em Sorriso (MT) seria, conforme cálculos do Cepea/CNA, de R\$ 36,09/ha, considerando-se os coeficientes técnicos médios coletados na região em painéis de custo da safra 2016/2017, e os preços do diesel no mês.

Em janeiro/2018, o desembolso passou para R\$ 40,54/ha, aumento de 12,3%. Como a propriedade típica apresenta área de soja de 900 hectares, o desembolso com diesel para colheita totaliza R\$ 4.006,20 na fazenda, o equivalente a 75 sacas de soja, considerando a receita média do grão no primeiro mês de 2018. Assim, somente esse aumento no preço do diesel representa

o equivalente a quase 1,5 hectare a menos de receita bruta para o produtor, considerando-se uma produtividade média de 55 sc/ha.

Quanto ao Sul do Brasil, em Cascavel (PR), na mesma análise o produtor deve desembolsar 15,53% a mais nos meses de colheita na comparação com junho/2017. Naquele mês, o sojicultor brasileiro gastou, em média, R\$ 24,80/ha apenas com a operação de colheita e, no início deste ano, R\$ 28,65/ha, o que representa quatro sacas de soja a mais em uma propriedade com área de 65 ha. Em Carazinho (RS), na mesma simulação, o custo da colheita passaria de R\$ 27,87/ha em junho/2017 para R\$ 31,33/ha em janeiro/2018, aumento de 12,4% no mesmo comparativo, ou 12,7 sacas a mais na safra, considerando-se uma propriedade típica de 225 ha.

Figura 2. Desembolso médio por hectare nas operações mecânicas de colheita da soja e percentual de aumento desse custo em junho/2017 e janeiro/2018



EXCESSO DE CHUVA E INCIDÊNCIA DE FERRUGEM PODERÃO ELEVAR CUSTO DE PRODUÇÃO DA SOJA EM 2017/2018

A colheita de soja na safra 2017/2018 já foi iniciada, e o volume de chuva e a incidência da ferrugem asiática são fatores que preocupam sojicultores devido às possíveis perdas na produtividade e ao aumento no custo de produção para controle da doença.

Na região oeste do Paraná, a colheita segue atrasada em relação aos últimos anos, devido ao início tardio das chuvas e, depois, à continuidade do período chuvoso no decorrer da safra, o que alongou o ciclo da cultura. Contudo, segundo agentes consultados, a produtividade média está próxima de 60 sc/ha. De acordo com o levantamento do Departamento de Economia Rural (Deral) divulgado na primeira semana de fevereiro/2018, 86% das lavouras estão em bom estado.

Em Mato Grosso, chuvas frequentes têm atrasado o ritmo de colheita da oleaginosa. Segundo colaboradores, cerca de 25% da soja já foi colhida em Primavera do Leste, com produtividade média de 58 sc/ha. Em Sorriso, até o início da segunda quinzena de fevereiro/2018, as atividades chegaram a 80% da área, com produtividade média de 55 sc/ha. A continuidade das chuvas preocupa os sojicultores, devido ao risco de perdas por excesso de umidade no grão que ainda está no campo.

No Rio Grande do Sul e no oeste baiano, o volume de soja colhida ainda é incipiente e deve aumentar a partir da segunda quinzena de fevereiro/2018. Até o momento, essas regiões vêm apresentando condições meteorológicas favoráveis, sem excesso de chuvas, e expectativa de boa produtividade.

Ainda em relação à ferrugem nesta safra, segundo dados do Consórcio Antiferrugem, publicados até a primeira

quinzena de janeiro/2018, houve 109 ocorrências da doença no estado do Paraná, aumento de 25% em relação ao registrado na temporada 2016/2017. Em Mato Grosso, no mesmo comparativo, a elevação foi de 50%, com 51 ocorrências já registradas na safra atual. No Rio Grande do Sul e no oeste baiano, os números ainda são inferiores aos da safra passada, com 92 e 11 ocorrências, respectivamente.

Com o intuito de analisar o desembolso realizado com os defensivos para controle da ferrugem, simulou-se a quantidade de sacas de soja necessária para custear os defensivos utilizados no controle da doença, considerando-se o número médio de aplicações e um cenário com uma aplicação a mais de fungicidas. Foram analisadas as regiões de Cascavel (PR), Guarapuava (PR), Passo Fundo (RS), Primavera do Leste (MT), Sorriso (MT) e Luís Eduardo Magalhães (BA). Nessa análise, foram utilizados a receita bruta do grão em janeiro/2018 e a média dos custos com defensivos entre fevereiro/2017 e outubro/2017 e.

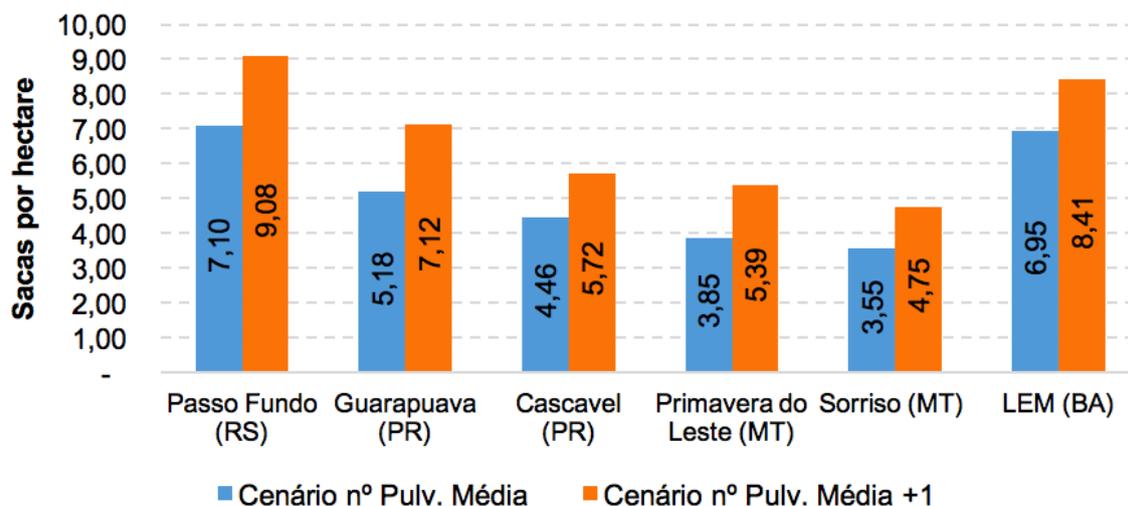
Em Cascavel (PR), considerando-se três aplicações para manejo da ferrugem, em média, e receita bruta média de R\$ 62,36/sc, o sojicultor deve desembolsar o equivalente à receita de 4,4 sc/ha, o que representa 11,2% do seu Custo Operacional Efetivo (COE), com valor de nivelamento de 39,8 sc/ha. Levando-se em conta o acréscimo de uma aplicação para o controle da ferrugem, o valor de nivelamento aumentaria em 1,3 sc/ha, totalizando 5,7 sc/ha. Em Guarapuava (PR), com média de três aplicações e receita bruta da soja de R\$ 63,71/sc, o valor de nivelamento dos defensivos equivale a 5,2 sc/ha, o que representa 13,7% do COE, que tem valor

de nivelamento de 38 sc/ha. Caso seja necessária uma aplicação adicional para ferrugem, há um incremento de 1,9 sc/ha na relação de troca, totalizando 7,1 sc/ha comprometidos com o manejo da doença.

Em Sorriso (MT), admitindo-se a média de três aplicações para controle da ferrugem e a receita bruta de R\$ 53,05/sc em janeiro/2018, o sojicultor compromete 3,5 sc/ha com a aquisição de fungicidas, o que representa 7,6% do seu COE (com valor de nivelamento de 46,44 sc/ha). No cenário com uma aplicação de fungicida adicional, há um aumento de 1,2 sc/ha, totalizando 4,75 sc/ha comprometidas com fungicidas. Em Primavera do Leste (MT), com 2,5 aplicações para ferrugem, são necessárias 3,9 sc/ha para aquisição dos produtos, considerando-se a receita média da saca de R\$ 55,77. Esse volume de soja representa 9% do COE, calculado em 42,3 sc/ha. Com uma aplicação adicional de fungicida, há incremento de 1,5 sc/ha, totalizando 5,4 sc/ha comprometidas.

No oeste baiano, levando-se em conta a média de cinco aplicações com fungicidas e a receita média da saca de soja de R\$ 59,92 em janeiro/2018, é necessária a receita de 7 sc/ha para cobrir o desembolso com os insumos, o que representa 14% do COE (com valor de nivelamento de 49,5 sc/ha). Com uma sexta aplicação, seriam comprometidas 8,4 sc/ha para a aquisição de fungicidas. Em Passo Fundo (RS), com 4,5 aplicações para manejo da ferrugem e com a receita média da saca de soja de R\$ 61,42, é necessária a receita de 7,1 sc/ha para cobrir o desembolso com os insumos, equivalente a 15,3% do COE (com valor de nivelamento de 46,3 sc/ha). Ao acrescentar uma aplicação para controle da doença, esse custo chega a representar a receita de 9,1 sc/ha. 

Figura 3. Volume de sacas de soja necessário para custear o desembolso com fungicidas no manejo da ferrugem, considerando-se o número médio de aplicações em cada região e um cenário que simula uma aplicação adicional (N+1) para a safra 2017/2018.



Elaboração: Cepea/Esalq-USP. | Fonte: Projeto Campo Futuro CNA (2018).